



UFSM

Artigo Monográfico de Especialização

**A IMPORTÂNCIA DA HORA DO CONTO COMO ESTRATÉGIA DE
ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Catiuscia Lumertz Bastos Homem

CAPÃO DA CANOA, RS, Brasil

2010

**A IMPORTÂNCIA DA HORA DO CONTO COMO ESTRATÉGIA DE
ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

por

Catiuscia Lumertz Bastos Homem

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial.**

**CAPÃO DA CANOA, RS, Brasil
2010**

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de Especialização

A IMPORTÂNCIA DA HORA DO CONTO COMO ESTRATÉGIA DE
ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

elaborado por

Catiuscia Lumertz Bastos Homem

como requisito parcial para obtenção do grau de

Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Amara Lúcia Holanda Tavares Battistel
(Presidente/Orientador)

Prof^a. Mda. Adriane Cenci

Prof^a. Ms. Tatiane Negrini

CAPÃO DA CANOA, RS, Brasil
2010

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A IMPORTÂNCIA DA HORA DO CONTO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

AUTOR: CATIUSCIA LUMERTZ BASTOS HOMEM
ORIENTADOR: AMARA LÚCIA HOLANDA TAVARES BATTISTEL
CAPÃO DA CANOA, 22\11\2010.

O presente trabalho teve como objetivo investigar como as professoras de uma Escola Especial de Ensino Fundamental do município de Capão da Canoa, utilizam a Hora do Conto com alunos com necessidades educacionais especiais. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, em que foram entrevistadas professoras e observadas as oficinas da Hora do Conto de cinco profissionais da referida escola. A partir da análise da produção discursiva das professoras e das observações, podemos verificar que os professores consideram muito importante o trabalho com a Literatura Infantil, porque reconhecem que contar histórias para as crianças desenvolve a imaginação, a criatividade, formando-os como seres capazes de pensar, sentir, criar e, sobretudo resolver problemas, os quais existem nas histórias e na vida cotidiana. Por fim acredita-se que os professores desta escola poderão somar às suas experiências, as considerações aqui elaboradas, uma vez que visam auxiliar na formação de um ser humano mais crítico, receptivo e solidário.

Palavras- chave: Educação inclusiva, hora do conto, aprendizagem.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	05
2 CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO	07
3 DIVERSIDADE, EDUCAÇÃO ESPECIAL E LITERATURA INFANTIL.....	08
3.1 Literatura Infantil: um instrumento a serviço de aprendizagem e desenvolvimento na escola especial.....	10
3.2 A hora do conto como estratégia de ensino e de aprendizagem na escola especial.....	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
5 REFERÊNCIAS	23
6 ANEXO.....	24
ANEXO A.....	25

1 APRESENTAÇÃO

Dentre os diversos papéis e atribuições do professor, deve ser elencada a proposição do contato das crianças com a literatura, pois esta amplia as capacidades de imaginação, criatividade e atenção, percepção visual e auditiva, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, emocional e físico e da linguagem oral.

O processo de alfabetização possibilita ampliar na criança o desenvolvimento da linguagem oral e, neste sentido, os contos infantis têm papel decisivo, tanto no que se refere à linguagem oral e escrita, quanto na formação da personalidade, desenvolvimento da autoestima, da socialização, da formação de conceitos, da percepção de si e do mundo a sua volta.

A Literatura Infantil contribui para o amadurecimento emocional da criança, especificamente os contos de fada têm papel decisivo em sua formação em relação à constituição do eu, da compreensão do mundo a sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas e feias, poderosas e fracas, facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana e do convívio social. Tal dicotomia, se transmitida durante a infância, por meio de uma linguagem simbólica, será de extrema importância à formação da consciência ética.

A criança, quando entra em contato com o mundo dos contos de fada, é levada, inconscientemente, a se identificar com os personagens, situações ou sentimentos apresentados na história, porque, de certa forma, estas se assemelham com o seu cotidiano. É levada, gradativamente, a elaborar, a compreender e a amadurecer à medida que participa imaginariamente dos contos de fada. Situações que falem de medos, de inseguranças, de ansiedades, de necessidade de proteção, de conquistas, de perigos e de ameaças que estão presentes na sua vida aparecem nas histórias.

Os contos de fada ensinam às crianças que, na vida real, é imperioso que estejamos sempre preparados para enfrentar grandes desafios. E, nesse sentido, dão também sugestões de coragem e de otimismo que serão necessários à criança para atravessar e vencer as inevitáveis crises de crescimento e a euforia das conquistas.

Intuitivamente, a criança compreenderá que tais histórias, embora irreais ou inventadas, não são falsas, pois ocorrem de maneira semelhante no plano de suas próprias experiências pessoais. Ao analisar as histórias infantis percebe-se que uma de suas contribuições é ensinar a suportar a dor ou correr os riscos para se conquistar a própria identidade. O final feliz acena com a esperança no fim das provações ou das ansiedades.

Na contemporaneidade como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança, é ajudá-la a encontrar significado na vida. A literatura pode servir como mediadora nessa tarefa.

Considerando a contribuição da literatura, e em especial dos contos de fada para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, surgiu o interesse pelo estudo da prática pedagógica aliada a Literatura Infantil e a Educação Especial. Nesse sentido, essa pesquisa pretende investigar: **Como se trabalha a Hora do Conto na Educação Especial?** Tem como objetivo geral investigar como as professoras de uma Escola Especial de Ensino Fundamental do município de Capão da Canoa, utilizam a Hora do Conto com alunos com necessidades educacionais especiais. E como objetivos específicos, conhecer as concepções dos professores sobre a importância do uso da Literatura como metodologia de ensino e de aprendizagem; sensibilizar os professores para o uso deste recurso; promover processos de aprendizagem e de desenvolvimento por meio do uso da Literatura com alunos com necessidades educacionais especiais.

A relevância desta investigação está na possibilidade de explorar a Educação Especial na escola, reconhecendo a Literatura como um caminho significativo para a resolução de problemas no que se refere ao atendimento à diversidade encontrada no espaço escolar, na aprendizagem, no que compete à formação leitora e a experiência significativa com a linguagem simbólica presente na Literatura Infantil.

Para tanto, o trabalho foi organizado da seguinte maneira: inicialmente são descritos os caminhos da investigação, a metodologia utilizada, os sujeitos e o contexto da pesquisa. Na etapa seguinte, são apresentados, discutidos e analisados os dados da pesquisa e, por fim, são realizadas as considerações finais.

2 CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO

Esta pesquisa caracteriza-se como uma abordagem qualitativa que, segundo Minayo (2002), aprofunda o significado das relações humanas não passíveis de serem apreendidas em dados estatísticos. Foi escolhida a pesquisa do tipo exploratória, posto que proporciona maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou construir hipóteses. Assim, buscou-se questionamentos que se destacam no modo como as experiências educacionais, pedagógicas e sociais, no contexto das instituições escolares acontecem, relativas à Hora do Conto como recurso utilizado na prática docente, com vistas a facilitar o processo de alfabetização de crianças com necessidades educacionais especiais.

A pesquisa foi realizada na escola em que trabalho quarenta horas, Escola Especial do município de Capão da Canoa, onde participaram da pesquisa cinco professoras que têm experiências práticas com o problema pesquisado.

Para tanto foi utilizada, como instrumento para coleta de dados, uma entrevista semi-estruturada com as professoras (anexo) e observações não dirigidas em sala de aula e outros locais onde foram realizadas as oficinas da Hora do Conto. Todos os sujeitos da pesquisa estavam cientes da justificativa e objetivo da pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

3 DIVERSIDADE, EDUCAÇÃO ESPECIAL E LITERATURA INFANTIL

Nas últimas três décadas, têm-se testemunhado as mudanças e progressos ocorridos no mundo em relação a Educação Especial. Nela tem prevalecido a intenção de buscar métodos de ensino eficazes para a inclusão do sujeito no meio social.

Defendendo que todas as crianças podem aprender nas interações com os demais, entende-se que ter em sala de aula um grupo de alunos com diferentes possibilidades, exige que se pense a aprendizagem de forma coletiva e diferenciada do modelo de escola que se tem hoje. Um dos instrumentos muito dinâmico para facilitar estas interações e aprendizagens é o trabalho com a Literatura Infantil/Hora do Conto. A diversidade de experiências, as trajetórias pessoais, os contextos familiares, os valores e os níveis de conhecimento de cada membro do grupo viabilizam, no cotidiano escolar, a possibilidade de trocas, de conforto, de ajuda mútua e de consequente aplicação das capacidades individuais necessárias ao ambiente escolar.

Frente a essa necessidade, emergem muitas responsabilidades para os professores que se propõem a incluir alunos com necessidades especiais nas ações significativas de ensino-aprendizagem, em diferentes conteúdos escolares, entre os quais merece atenção especial a formação do sujeito leitor. Além desses atributos a Literatura Infantil pode ser um excelente recurso para amenizar os conflitos na infância e como mediadora em processos de inclusão social. Assim, o profissional da educação pode perceber o ensino da leitura e da literatura como meios necessários para a educação de alunos que possuem necessidades educacionais especiais.

Como se sabe, a Literatura Infantil vem se consolidando, ao longo dos anos, “num dos mais eficazes instrumentos de formação da criança” (COELHO, 1991, p.320), reafirmando-se como cenário democrático de personagens e de linguagens diferentes, espaço de abordagens inusitadas dos aspectos do cotidiano, lugar de vivenciar experiência catártica. Considerando essas particularidades da linguagem literária, entende-se a necessidade de um estudo sistematizado de suas contribuições para a compreensão mais aprofundada acerca da diferença entre os sujeitos que compõem o âmbito educativo, percebendo o texto literário como meio privilegiado para promover o ambiente inclusivo que tanto se almeja.

Dentro de uma perspectiva psicanalítica, Bettelheim (2004), coloca-se a favor do texto literário, principalmente dos contos de fada, para o desenvolvimento psíquico e a compreensão dos conflitos na infância. Segundo o autor, os elementos presentes nos contos infantis sugerem “imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida” (BETTELHEIM, 2004, p.16). De modo específico, a literatura atende a uma necessidade dos alunos de um modo geral, bem como aqueles com necessidades especiais ao contribuir com a formação de sua identidade.

Dessa forma, a Literatura Infantil, mais precisamente o conto de fadas, ao tratar com profundidade de problemas da vida, torna-se veículo privilegiado para tratar de articulações entre Literatura e Educação Inclusiva, pois traz a discussão dos conflitos humanos de maneira única e expressiva e funciona como “portas que se abrem para determinadas verdades humanas” (COELHO, 1991, p.9). Essa peculiaridade atribui à Literatura Infantil elementos que despontam a possibilidade de pensar a diferença, sob diversos aspectos.

A inclusão traz o desafio de se mudar a forma de ver o mundo, de agir e de pensar, de socializar-se e, principalmente, de humanizar. Todos se transformam, aprendem e crescem enquanto seres humanos. A escola tem um papel fundamental para a mudança deste olhar e, neste momento, o professor deve explorar diferentes instrumentos para contribuir com a inclusão e a Literatura Infantil é uma grande aliada.

De acordo com Zardo e Freitas (2004), a Literatura Infantil é uma forte aliada na superação de representações sociais a cerca de deficiência e da diferença que, desde a antiguidade, acompanha a humanidade. Diante das exigências de educar para incluir, as autoras se posicionam a favor da literatura, como se percebe no texto abaixo:

A Literatura Infantil pode ser o cerne da construção de uma educação inclusiva, pois operando a partir de sugestões fornecidas pela fantasia e imaginação, socializa formas que permitem a compreensão dos problemas e demonstra-se como ponto de partida para o conhecimento real e a adoção de uma atitude que valorize as diferenças e as particularidades. (ZARDO E FREITAS, 2004, p.2)

É fundamental salientar que o acesso à Literatura Infantil não é uma estratégia “superficial” que ultrapassa as atribuições da escola, pelo contrário, o ensino de

leitura e o uso da Literatura são importantes funções da instituição escolar, assim como a busca de novas alternativas para ensinar e apreender com a diversidade.

3.1 Literatura Infantil: um instrumento a serviço de aprendizagem e desenvolvimento na escola especial

É consenso entre muitos educadores o reconhecimento da atividade lúdica como mediadora da aprendizagem, sabe-se que uma criança aprende melhor quando está envolvida em um ambiente prazeroso. A ludicidade é uma característica do ser humano, quando estamos envolvidos em uma atividade lúdica, tudo se torna mais fácil e envolvente e este contexto contribui para uma melhor construção do conhecimento.

Para a mobilização de processos de aprendizagem e de desenvolvimento, o papel do professor e a qualidade do ambiente escolar são fundamentais como potencializadores de um espaço de troca, de estimulação e de desafios para o sujeito.

Prover o espaço das crianças com a Literatura Infantil/hora do conto ou livros informativos é uma condição essencial para motivar o desejo de aprender a ler e assim favorecer o acesso à língua escrita, bem como para a resolução de conflitos internos, o desenvolvimento da imaginação e da capacidade criadora, da ampliação dos espaços de trocas e da convivência. O espaço da sala de aula deve refletir essa imersão induzida no mundo da escrita, sendo atrativo e bem organizado, para que os alunos possam movimentar-se com segurança.

Abramovich (1997 p.24) chama a atenção para o fato de que “ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento...”. O hábito de contar histórias acompanha o homem na sua trajetória ao longo dos tempos, isto decorre da necessidade de comunicar as suas experiências significativas, fruto das suas vivências, observações, compreensões do espaço e do tempo no qual está inserida.

Desde suas origens pré-históricas, o homem procurou se comunicar ou marcar sua presença no mundo através de uma determinada escrita, isto é, de uma forma concreta de registrar “sua fala e fazê-la perdurar no tempo, através de diferentes suportes físicos como: pedras, tabuinha de argila, peles de animais, entre outros” (COELHO, 2000, p.65). Durante muito tempo as histórias eram transmitidas

por meio da linguagem oral e perpassadas de geração a geração. Com a descoberta da imprensa, surgiu a possibilidade do registro escrito, garantindo a perpetuação das ideias contidas no texto de forma mais durável, sugerindo assim uma maravilhosa ideia: o livro!

Sabe-se que Literatura Infantil constitui-se em gêneros como poesia (elegia, soneto, hino...), ficção (conto, romance, novela e Literatura Infantil) e teatro (tragédia, ópera, comédia...) e encontra espaço para se desenvolver somente no século XVII. A primeira obra dirigida ao público infantil tinha como objetivo ensinar latim através de gravuras, podendo assim ser classificada como um antepassado do livro didático. Os contos populares sobreviveram ao longo dos séculos por meio da transmissão oral de contadores de histórias e menestrelis, certamente sendo modificado, adaptado ou enriquecido por aspectos decorrentes da cultura ou da sociedade local.

Cada época produziu singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução.

Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou se fundamenta. (COELHO, 2000, p.28).

A literatura presta ao homem um grande papel, qual seja, ser um importante veículo de auxílio na construção do seu espaço na cultura em que está inserido. É a forma mais eficaz e rica de se ler o mundo. O valor que alguém atribui à leitura está diretamente ligado ao meio em que vive, da maneira com que observa esta relação com os que estão a sua volta. Nesse sentido é muito importante oferecer bons livros e auxiliar as crianças a construírem um bom relacionamento com a Literatura Infantil, para que se tomem verdadeiros leitores.

Muitas vezes esse contato da criança com o universo dos livros inicia-se na escola, especialmente as crianças das classes economicamente menos favorecidas, em que a maioria delas não têm acesso a livros em casa e nem têm a oportunidade de assistirem atos de leitura e escrita realizados por seus pais ou responsáveis. Os professores têm nas mãos um grande desafio, proporcionar o encontro, o contato das crianças com o livro, com a leitura e a escrita de forma prazerosa, divertida e significativa.

Tratando-se mais especificamente da Literatura Infantil, percebe-se a inegável tarefa que ela desempenha na formação da personalidade, da percepção e visão do mundo e dos valores que nossas crianças estão construindo, consistindo em "um agente formador por excelência." (COELHO, 2000 p. 18).

Crianças de seis a sete anos estão na fase de aprendizagem da leitura e escrita e na construção mais aprofundada da significação do mundo. Aspectos interessantes como humor, luta entre o bem e o mal, o forte e o fraco, elementos mágicos interessam as crianças desta idade. Nesta fase a criança necessita da presença do adulto como agente estimulador, "não só para levar a criança a se encontrar com o mundo contido no livro, como também para estimulá-la a decodificar os sinais gráficos que lhe abrirão as portas do mundo da escrita" (COELHO, 2000, p.35).

Ler e ouvir histórias possibilita entrar em um mundo encantador, cheio ou não de mistérios e surpresas, mas sempre muito interessante, curioso, que proporciona aprendizagens e diversão. É na relação lúdica e prazerosa da criança com a obra literária que temos uma das possibilidades de formarmos o leitor. É na exploração da fantasia e da imaginação que se instiga a criatividade e se fortalece a interação entre o texto e o leitor.

A criança que desde muito cedo entra em contato com a obra literária escrita, terá uma compreensão maior de si e do outro, - a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e ampliar os horizontes da cultura e do conhecimento, percebendo o mundo e a realidade que a cerca.

Como mencionado anteriormente uma pequena parcela de crianças têm o hábito de ler em nosso País. A maioria tem o primeiro contato com a literatura apenas quando chega à escola. E muitas vezes este contato não se faz de forma prazerosa, mas sim como uma obrigação curricular, uma vez que, infelizmente, muitos professores não utilizam ou apreciam o trabalho com a Literatura Infantil e talvez desconheçam técnicas que ajudem a "dar vida às histórias" e que, conseqüentemente, produzam conhecimentos.

Para atingir um ensino de qualidade, faz-se necessário que o professor descubra critérios, metodologias e que saiba selecionar as obras literárias a serem trabalhadas com as crianças. Ele precisa desenvolver recursos pedagógicos capazes de intensificar a relação da criança com o livro e com seus próprios

colegas. Nesse contexto, a escola tem o papel de extrema importância para muitas crianças, em relação ao conhecimento das obras literárias.

Não existem receitas mágicas para se ler e contar histórias. Existem sim passos a serem dados para o aperfeiçoamento desse momento. O primeiro deles é familiarizar-se com a história a ser contada, ter segurança sobre o tema e as palavras que surgirão no decorrer do texto. Não é permitido o narrador gaguejar por falta de conhecimento da história.

Contar histórias é suscitar o imaginário da criança, é fazê-la sonhar, percorrer mundos, assumir o papel deste ou daquele herói, fada, ou outro personagem que lhe for apresentado. É ter o direito de sentir diversas emoções, através do texto, de conhecer a si próprio e aos outros, esclarecendo e buscando soluções às próprias dificuldades.

Portanto, contar histórias é uma arte, arte que precisamos aprender valorizar. O professor deve ser um contador, porém precisa buscar conhecimento e estratégias que tenham o poder de motivar. Ouvir histórias sempre: esse é um direito que a criança tem; contar histórias: esse é o dever de todo o professor.

Segundo Bettelheim (1996), os contos de fadas são os mais indicados para ajudar as crianças a encontrar um significado na vida, pois, ao estimular a imaginação, desenvolver o intelecto, harmonizar-se com suas ansiedades e tornar claras suas emoções, estes tornam-se enriquecedores, satisfatórios e ajudam a avaliar as pressões conscientes e inconscientes.

Ao trazer a Literatura Infantil para a sala de aula, o professor estabelece uma relação dialógica com o aluno, com o livro, com a sua cultura e com a própria realidade. Além de contar ou ler a história, pode criar condições em que a criança trabalhe com a mesma a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões sobre ela, assumindo posições frente aos fatos narrados, defendendo atitudes e personagens, criando novas situações através das quais as próprias crianças vão construindo uma nova história. Uma história que retratará alguma vivência da criança, ou seja, sua própria história.

Segundo Abramovich (1997), ler histórias para as crianças e se colocar no lugar dos personagens, é viver o que o autor escreve, é responder as curiosidades, é solucionar, é esclarecer os problemas que eles encontram no seu caminhar.

Segundo Diaz (1994), o pequeno acesso à cultura se deve às condições sociais e econômicas em que vive grande parte da população. O aluno que vê

diariamente os pais folheando revistas, assinando cheques, lendo correspondências e utilizando a internet tem muito mais facilidade de aprender a língua escrita do que outros cujos pais são analfabetos ou têm pouca escolaridade. Isso ocorre do fato de que ao observar os adultos em atos de leitura e escrita, a criança percebe os usos funcionais da língua escrita, como ela se constitui, e incorpora alguns comportamentos como folhear livros, pegar na caneta para brincar de escrever ou mesmo contar uma história ao virar as páginas de um livro ou gibi. Cabe à escola oferecer essas práticas sociais aos estudantes que não têm acesso a elas.

O ponto de partida para democratizar o contato com a cultura escrita é tornar o ambiente alfabetizador. A sala de aula deve conter livros, cartazes com listas, nomes e textos elaborados pelos alunos nas paredes, recortes de jornais e revistas que interessem aos alunos e que estejam ao alcance de todos. Ler diariamente para a turma, posto que como refere Diaz (1994, p. 26): “a criança lê pelos os olhos do professor”. A aprendizagem da língua escrita pode se tornar mais fácil quando a escola utilizar e explorar os diferentes tipos de textos que usamos no dia-a-dia.

O professor precisa explorar as várias formas de leitura, por meio de diferentes atividades, tais como; contar histórias, pesquisar, desenhar, manusear livros e estudar, tem que acompanhar e levar o prazer a todos os tipos de leitura.

Segundo Maricato (2005) as crianças colocadas em condições favoráveis de leitura adoram ler. A leitura é um desafio para os menores, vencer o código escrito é uma tarefa gigantesca.

A criança lê do seu jeito muito antes da alfabetização, folheando e olhando figuras de livros, ainda que não decodifique palavras ou frases escritas. Ela aprende observando o gesto de leitura.

Entretanto não basta ter acesso aos materiais, é necessário que as crianças sejam envolvidas em práticas para aprender os usos funcionais da língua escrita. Entre tantos recursos pode-se citar: roda de leitura de livros, contação de histórias, leitura de livros, sistema de mala de leitura, cantinhos de leitura e brincadeiras com livros. EDMIR *apud* MARICATO (2005, p.22), afirma que “a criança pode não saber ler e escrever, mas ela produz texto: ela pensa, fala se expressa”.

Uma das possibilidades encontradas para trazer ao ambiente de aprendizagem esses múltiplos sentidos é o trabalho com os contos de fada, acrescido de reflexões de alguns teóricos, possibilitando várias interpretações e a

produção de sentidos. Outro fato que podemos considerar relevante ao contar ou escrever uma história refere-se à imaginação e a criatividade de quem escreve.

Segundo Vigotsky (1995), os processos criativos são notados com todo seu vigor desde a infância. Entre as questões mais importantes da psicologia infantil e da pedagogia está a capacidade de criatividade das crianças, o seu crescimento e a sua importância para o desenvolvimento geral e para o seu amadurecimento.

O desejo que sentem de fantasiar as coisas é reflexo de sua atividade imaginativa. A situação criada pela criança necessita de sua experiência anterior, todos os elementos de fabulação. De outro modo não era possível inventar, mas a combinação destes elementos constitui algo novo, criador que pertence à criança, sem que seja simples repetição das coisas vistas e ouvidas.

E assim, buscando elementos teóricos para entender as experiências de vida que as crianças trazem do ambiente em que vivem e a sua relação com a alfabetização, mais especificamente a leitura e a escrita, recorreremos também aos estudos de Vigotsky (1995), que considera a importância da aprendizagem para o desenvolvimento humano, reconhecendo desde o papel da imitação, até a construção da escrita, pondo em relevo os processos mentais da imaginação e criatividade.

A imitação pode ser entendida como um dos possíveis caminhos para o aprendizado, um instrumento de compreensão do sujeito. Através da imitação as crianças são capazes de realizar ações que ultrapassem o limite de suas capacidades, como por exemplo, uma criança pequena, ainda não alfabetizada, pode imitar seu irmão e "escrever" uma lista com nomes dos jogadores de seu time preferido. Deste modo ela estará internalizando os usos e funções da escrita e promovendo o desenvolvimento de funções psicológicas que permitiram o domínio da escrita. É nesse sentido que Vigotsky (1995), afirma que a imitação é uma das formas das crianças internalizarem o conhecimento externo. Vista por esse ângulo, a imitação de modelos fornecidos pelos sujeitos assume o papel estruturante, pois amplia a capacidade cognitiva individual. Todavia, ressalta que "o indivíduo só consegue imitar aquilo que está no seu nível de desenvolvimento". (VIGOTSKY, 1995, p. 111 - 112).

A inclusão dos contos de fada por meio de oficinas de leitura, dentro de sala de aula, em situações interativas, deve proporcionar uma ampliação e manifestação

do gosto pelos livros. O trabalho com os contos deve possibilitar a ampliação da leitura e da escrita.

3.2 A hora do conto como estratégia de ensino e de aprendizagem na Escola Especial

Partindo da concepção de que a Literatura é um instrumento valioso a desencadear processos de aprendizagem e desenvolvimento, a seguir será apresentada a análise dos dados levantados sobre a realização da Hora do Conto na Escola Especial do município de Capão da Canoa com o intuito de verificar a contribuição do referido recuso no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças da escola em questão, a partir da visão de suas professoras.

A Escola Especial recebeu a proposta da pesquisa com receptividade, as crianças da referida escola são carinhosas e ativas. As observações foram realizadas de segunda a sexta-feira, com a duração de quatro horas cada observação, por um período de um mês.

De um modo geral, as professoras observadas mostraram-se atenciosas com seus alunos e estes estavam completamente envolvidos com a aula, a tal ponto que quando as professoras iniciam a contação de histórias, a leveza da linguagem seduzia algumas crianças.

Em uma das oficinas da Hora do Conto, pode-se observar a atividade relativa a história “Os Porquês do Coração de Conceil e Nye da Silva”. A história trabalha com delicada a questão da morte, do luto, da separação, da saudade. O texto apresenta a morte como parte da vida e oferece a possibilidade de lidar com essas questões de maneira mais lúdica e mais leve. A hora do conto motivou um envolvimento intelectual, sensorial e emotivo, seu enredo evocou sentimentos como a perda, a saudade, o medo e a amizade.

Nessa narrativa, observamos as possibilidades de identificação do conteúdo da história com as histórias de vida, bem como os elementos da narrativa e as quatro habilidades da Língua Portuguesa: ouvir, falar, ler e escrever.

A leveza da linguagem expressa na narrativa possibilita trocas entre o leitor-espectador e os elementos fantásticos do texto, do ponto de vista da introjeção e projeção, o que se constitui em um momento de aprendizado e prazer únicos.

A realização sistemática da Hora do Conto cria um espaço de aprendizagens significativas para as crianças. Na primeira visita à sala de aula da educadora “A”, foi possível observar que ela possui os mais variados tipos de materiais, tem a sua disposição uma vasta quantidade de livros infantis, não se furta em adquirir todo e qualquer material para a hora do conto, momento em que as crianças poderão ter contato com os livros. Com isso percebe-se o desejo da professora em desenvolver o gosto pela leitura, a fim de formar futuros leitores. Ela aprecia de maneira especial a Literatura Infantil, demonstrando interesse em particular no trabalho com Hora do Conto. Seu desejo em realizar atividades está relacionado com sua experiência pessoal, a professora relatou que na idade em que se encontram os seus alunos, ela não gostava de ler, e credita tal fato à falta de exposição e incentivo à leitura.

Desta forma, a professora “A”, busca transformar a hora da leitura em momento de prazer, de lazer, de diversão e de amor, na tentativa de prover aos seus alunos aquilo que sentiu falta em sua formação. Busca diversificar as atividades, realiza a Hora do Conto em locais variados, tais como: na sala de aula, na biblioteca e no pátio. A escolha do livro é feita de acordo com o tema de sua aula e a história é contada, teatralizada ou imaginada. A professora usa livros, faz teatro de fantoches ou só conta, sem o uso de recursos para que eles possam imaginar. Assim:

O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é ou pode ser ampliadora de referências, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorrisos gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca (...) desde que seja boa. (Abramovich, 1997, p.24).

Como nos adverte Abramovich, a história suscita emoções “desde que seja boa”. A história, para ser contada, necessita ser estudada, acariciada. Ela deve encantar o professor que, ao se apropriar dela, com segurança e conhecimento, transmite essa magia para o seu ouvinte.

A professora “B” demonstra amor e dedicação na realização da Hora do Conto nas nossas visitas. Ela relata que para se fazer uma boa escolha do livro/história, o primeiro passo é a leitura anterior do livro, o conhecimento prévio de uma história que tenha chamado a atenção, que seja possível se apaixonar por ela, “*pois assim já vem na cabeça como vais apresentar esta história para as crianças, é algo meio mágico.*” (Depoimento da professora “B”).

Em relação aos recursos utilizados por esta professora, percebe-se que são os mais variados, tais como: álbum seriado, cineminha, avental, dramatizações, fantoches, livros. Para que esse momento seja de total prazer, a professora organizou um cantinho da sala de aula com tapetes e almofadas, para receber os ouvintes.

As professoras “D” e “E” não realizam a Hora do Conto, alegam que não se sentem preparadas para contar histórias. Esta reação é compreensível, pois se sabe que para ser um bom contador de histórias, é necessário habilidade, como: ter domínio e conhecimento da história, pois não é permitido que o contador gagueje, ele deve transmitir confiança e despertar naturalmente todos os tipos de sentimentos, o contador deve fazer da Hora do Conto um momento mágico para que as crianças desejem ser ou estar no lugar dos personagens, ser um bom contador vai além da escolha do livro. Ao sentir a história a ser narrada e dar certo ar de realidade à mesma, o professor faz com que a criança perceba as grandezas e mistérios do texto que lhe está sendo contado. Quando o professor não sabe usar desses artifícios e, o que é mais preocupante, não busca subsídios, deixa esse momento mágico monótono, sem surpresas e sem atrativos para a criança.

Como lembra Abramovich (1997, p.23), sobre a importância de se contar histórias para as crianças e do crescimento que elas proporcionam para o desenvolvimento de muitas habilidades pelo aluno: “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatralizar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”. Afinal tudo pode nascer de um texto. Eis seu grande potencial enquanto desencadeador de processos de aprendizagem e desenvolvimento.

A educadora “C” procura realizar esta atividade na sala de aula e para tanto, construiu o “Cantinho da Leitura e Construção de Texto”. Espaço no qual contém tapetes, almofadas, livros, jornais e revistas. A história é escolhida de acordo com o interesse dos alunos, usando diferentes tipos de materiais de acordo com a realidade de seus alunos.

Esta professora ressalta que para fazer uma boa leitura é preciso estar de posse do conhecimento da história e gostar de ler. Em primeiro lugar, o professor deve ser um leitor, se não é deve tornar-se o mais rápido possível. Somente motiva o prazer da leitura aquele que sente prazer ao ler. A posição do educador diante de um texto é um aspecto relevante a ser considerado, é necessário que a professora

goste de ler, se envolva com a história a ser transmitida para o aluno, saber qual é o valor que a literatura efetivamente possui para ela. A característica da literatura é anulada quando o texto é submetido a uma prática pedagógica que o empobrece, reduzindo as possibilidades de exploração.

Para Abramovich (1997 p.16), ler histórias,

é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo...

Portanto, a conquista do pequeno leitor se dá por meio da relação prazerosa com o livro infantil, onde o sonho, a fantasia e a imaginação se misturam em uma realidade única, o levam a vivenciar as emoções em parceria com os personagens da história, introduzindo assim situações das realidades.

(...) é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

As professoras “A”, “B” e “C” se preocupam com a importância da escolha do livro para que seus alunos futuramente se tornem sujeitos leitores. Em suas salas, dão ênfase a leitura, procuram escolher o livro que tenham segurança para contar a história. Elas acreditam também na importância de contar história somente utilizando a fala para que haja mais e mais imaginação em torno do texto.

Os alunos são envolvidos no momento em que as histórias são contadas, são exploradas a ludicidade e a fantasia que lhes são inerentes, de forma a cativá-los. Segundo Elizagaray *apud* Abramovich (1997, p.20), “o narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração. Tem que conduzir a situação como se fosse um virtuoso que sabe o seu texto, que o tem memorizado, que permiti-se ao luxo de fazer variações sobre o tema”.

Ao final da pesquisa evidenciou-se que a maioria das professoras estão preocupadas e empenhadas em trabalhar a literatura infantil. Estão cientes de que a melhor maneira para atrair o interesse dos alunos é proporcionar um encontro

significativo com a “arte” para que a criança aprenda a ordenar seu mundo e projetar valores a partir do conforto com o real, com o fictício e com o imaginário.

Contar histórias é uma arte que ainda poucos sabem valorizar. O professor deve ser um contador, porém precisa buscar o conhecimento, acreditar para poder motivar.

Uma professora contou a história “Os Três Porquinhos”, do livro Fábulas de Ouro, da Editora Paulinas. Está Hora do Conto foi realizada na biblioteca, onde os alunos ficaram bem à vontade para ouvir a história.

Todos os alunos já conheciam a história, mas mesmo assim parecia que era a primeira vez que estavam escutando, porque seus olhos brilhavam.

Sentada junto a eles, pude perceber o quanto a história os deixava ansiosos para saber o que ia acontecer com os personagens. Os alunos entraram na história e acompanharam, ora concentrados, ora inquietos, ora ajudavam na contação, ora imitavam o assopro do lobo mau.

A participação de forma dinâmica dos alunos deu vida para os personagens, como, por exemplo, ao assoprar as casa dos porquinhos.

Após contar a história, a professora entregou aos alunos caixas de sapatos, palitos de picolé, papéis cortadinhos imitando os tijolos, palhas, casinhas e os personagens em papel cartaz para que eles construíssem a história.

Depois da construção da história na caixa de sapato, cada aluno foi até a frente da sala e contou a sua história, mostrando seu trabalho.

Neste momento pude observar o quanto a criança é sincera e diz o que pensa, o que não gosta ou porquê gosta e expressa sua emoção, enfim, tudo o que afeta ou sensibiliza.

A criança precisa que a história expresse algo do seu próprio mundo. Ao se colocar no papel do personagem e falar com a voz do lobo ou imitar os porquinhos, representa uma conquista à personalidade em formação. Por isso a importância da Hora do Conto. Só há integração de sentimentos, quando elas sentem medo do lobo mau, pena dos porquinhos...

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo sobre a importância da formação do leitor, sabe-se que quando o manuseio dos livros inicia-se muito cedo, maiores são as chances de valorização e gosto pela literatura. Neste sentido, a escola tem o papel de extrema importância para muitas crianças, em relação ao conhecimento das obras literárias, em especial em relação aquelas que não recebem estímulos à leitura no ambiente doméstico.

Não existem receitas mágicas para se ler e contar histórias. Existem sim passos a serem dados para o aperfeiçoamento desse momento. O primeiro deles é familiarizar-se com a história a ser contada, ter segurança, sobre o tema e as palavras que surgirão no decorrer do texto. Não é permitido o narrador gaguejar por falta de conhecimento da história.

Contar histórias é suscitar o imaginário da criança, é fazê-la sonhar, percorrer mundos, ser este ou aquele herói, fada ou bruxa. É um direito das crianças sentir as diversas emoções que são proporcionadas pelo texto, de conhecer a si próprio e aos outros, esclarecendo e buscando soluções às próprias dificuldades.

Nesta pesquisa se investigou como a Literatura Infantil pode contribuir como um instrumento a serviço da educação dos alunos com necessidades especiais. Para tanto foram entrevistadas e observadas a hora do conto em uma escola da rede municipal de Capão da Canoa.

A análise dos dados evidenciou que a maioria dos professores desta escola consideram o trabalho com a Literatura Infantil muito importante, principalmente na educação especial e reconhecem que contar histórias para as crianças desenvolve a imaginação, a criatividade, formando-os como seres capazes de pensar, criar e sobretudo resolver problemas da vida cotidiana, utilizando as reflexões provocadas pelas histórias contadas. As histórias mais utilizadas para a Hora do Conto foram aquelas com referência à inclusão, as professoras davam ênfase para as histórias que falavam sobre as diferenças, contexto este que as crianças mostravam a identificação com a história.

Os professores que não utilizam a Hora do Conto no final deste trabalho chegaram à conclusão que a Literatura Infantil é uma ferramenta muito importante para o ensino na Educação Especial, pois conseguiram observar o grande envolvimento dos alunos quando escutavam as histórias; um dos relatos das

professoras que ainda não trabalha com a Hora do Conto foi: *“fiquei encantada com o envolvimento das crianças, com a vontade que eles têm de manusear os livros...”*

As observações e os diálogos com as professoras oportunizaram a reestruturação de alguns conceitos, abrindo caminho para novas contadoras de história.

Verificou-se a importância do ensino por meio da Hora do Conto, para o desenvolvimento das crianças com necessidades especiais e o êxito na aprendizagem em um contexto tão diversificado e, ao mesmo tempo, tão contraditório como este que vivenciamos na sociedade contemporânea, pensar na formação de um sujeito crítico, criativo, leitor de palavras do mundo, apto a prosseguir a sua vida, a sua “história” escolar: aprendendo, tendo sucesso e sendo feliz!

Neste sentido a escola tem papel fundamental: nela se dá a construção desse sujeito. E, no entanto, a escola deve promover a troca, a criatividade, o diálogo, a interação com as diversas linguagens, e o caminho pode ser o trabalho com a Literatura Infantil.

5 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997, 5ª edição 2006. (Pensamento e Ação no Magistério).

BENCINI, Roberta. **Era uma vez... O maravilhoso mundo dos contos de fadas e seu poder de formar leitores**. In: Revista Nova Escola, São Paulo, nº 185, v.20, set., 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, 11ª edição 1996.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna 1ª edição, 2000.

_____. **Literatura Infantil: História, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. São Paulo: Quíron /Global 2ª edição, 1982.

DIAZ, Patrícia. Todas as leituras. In: **Revista Nova Escola**, São Paulo, 2006, nº 194, v. 21, ago., 2006.

MARICATO, .Adrina. O prazer da leitura se ensina. **Revista criança**, Ministério da Educação, Brasília/DF, set., 2005.

MINAYO, Maria. [org]. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/RJ, 2002.

VIGOTSKY, Lev. **Uma perspectiva histórico – cultural da educação**. Petrópolis/RJ:Vozes, 1995.

ZARDO, Sinara Polom; Freitas, Soraia Napoleão. A literatura infantil como auxílio pedagógico para uma educação inclusiva. **Revista Partes- revista virtual do leitor**, São Paulo /SP, ano IV, nº 46, jun.2004.

ANEXOS

ANEXO A – Entrevista

Assinale – Faixa Etária

() 21 a 25 anos () 25 a 30 anos () 30 a 35 anos

Turma:.....

Responda:

1. Qual a sua formação?
2. Descreva aspectos relevantes de sua atuação profissional como educadora?
3. Você acha importante ouvir histórias infantis? Por quê?
4. Você conta histórias infantis para seus alunos? Em que momento?
5. Seus alunos têm acesso a livros na sala de aula?
6. Como você acha que deve ser trabalhada a literatura infantil em sala de aula?
7. você acha que a literatura infantil deve ser usada para trabalhar conteúdos?
Por quê?
8. Quem escolhe as histórias para serem contadas?
9. De quais critérios se utiliza para escolher um livro de histórias para contar aos alunos?
10. Quais os aspectos que se destacam no comportamento dos alunos quando estão envolvidos no trabalho com a literatura infantil?
11. Que aspectos podem ser trabalhados com seus alunos a partir de uma história?